

## Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV

*Knowledge and attitudes of a public school's adolescents on sexual transmission of HIV*

*Conocimientos y actitudes de adolescentes de una escuela pública acerca de la transmisión sexual del VIH*

Ana Clara Patriota Chaves<sup>1</sup>, Elys Oliveira Bezerra<sup>1</sup>, Maria Lúcia Duarte Pereira<sup>1</sup>, Wolfgang Wagner<sup>II</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Saúde. Fortaleza-CE, Brasil.

<sup>II</sup> Johannes Kepler Universität, Departamento de Psicologia Social e Econômica. Linz, Áustria.

Submissão: 21-05-2012 Aprovação: 10-12-2013

### RESUMO

Os objetivos da pesquisa foram descrever conhecimentos sobre a transmissão do HIV/AIDS e analisar o comportamento sexual e atitudes frente ao uso do preservativo entre adolescentes. Pesquisa exploratória realizada, em 2009, com 234 adolescentes de uma escola em Fortaleza-CE. Utilizou-se questionário semiestruturado e escala de Likert. Os resultados mostraram que 46,6% da amostra já haviam iniciado a vida sexual; 40,7% e 29,5% não usaram preservativo na primeira nem na última relação sexual respectivamente, em decorrência de diversos motivos como *não ter o preservativo no momento* (27,3%); *uso de pílula anticoncepcional* (15,2%) e *confiança no(a) parceiro(a)* (15,2%). Os adolescentes apresentaram dúvidas sobre a transmissão do HIV. As mulheres se mostraram mais favoráveis ao uso do preservativo do que os homens. Conclui-se que o início da vida sexual precoce, as dúvidas sobre a transmissão do HIV e a não utilização efetiva do preservativo são alguns dos fatores que compõem a vulnerabilidade dos jovens.

**Descritores:** Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Conhecimento; Atitude Frente à Saúde; Adolescente.

### ABSTRACT

The research objectives were to describe the knowledge about the transmission of HIV/AIDS, analyze the sexual behavior and attitudes towards condom use among adolescents. Exploratory survey conducted in 2009 with 234 students of a school in Fortaleza, Brazil. We used semi-structured questionnaire and Likert Scale. The results showed that 46.6% of the sample have already initiated sexual life, 40.7% and 29.5% did not use condoms at the first or last intercourse, respectively, due to various reasons like not having a condom at the time (27.3%), use of contraceptive pill (15.2%) and trust in their partner (15.2%). These teenagers have questions about HIV transmission. Women were more favorable to condom use than men. One conclude that early initiation of sexual life, doubts about HIV transmission and ineffective condom use are factors that make young people's vulnerability.

**Key words:** Acquired Immunodeficiency Syndrome; Knowledge; Attitudes to Health; Adolescent.

### RESUMEN

Los objetivos de esta investigación fueron describir el conocimiento sobre transmisión del VIH/SIDA, analizar comportamiento sexual y actitudes hacia el uso del condón entre adolescentes. Encuesta exploratoria, realizada en 2009, con 234 estudiantes de una escuela en Fortaleza, Brasil. Se utilizó cuestionario semi-estructurado y escala Likert. Los resultados mostraron que 46,6% de la muestra han iniciado la vida sexual, 40,7% y 29,5% no utilizó preservativo en la primera o última relación, respectivamente, debido a diversas razones, como no tener condón (27,3%), uso de la píldora anticonceptiva (15,2%) y la confianza en su pareja (15,2%). Estos adolescentes tienen preguntas acerca de la transmisión del VIH. Las mujeres eran más favorables para el uso del condón que los hombres. Se ha concluido que el inicio temprano de la vida sexual, dudas sobre la transmisión del VIH y uso ineficiente del condón son factores que hacen la vulnerabilidad de jóvenes.

**Palabras clave:** Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida; Conocimientos; Actitud Frente a la Salud; Adolescente.

AUTOR CORRESPONDENTE

Ana Clara Patriota Chaves

E-mail: patriotaclara@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países do mundo com elevados números de casos de AIDS em que ocupa as primeiras posições no *ranking* mundial. Estima-se que cerca de 630 mil pessoas vivam com HIV ou AIDS no Brasil. O Nordeste do país apresenta uma expressiva expansão da doença, evidenciando, portanto, uma elevada situação de risco de infecção pelo HIV na população em geral<sup>(1)</sup>.

Atualmente, o perfil é marcado pela heterossexualização, feminização, interiorização, juvenilização e pauperização<sup>(2-3)</sup>. Não há mais grupos específicos com maior risco de contrair o HIV, há uma epidemia multifacetada com um complexo emaranhado em que qualquer pessoa encontra-se vulnerável, pois a transmissão do HIV é um fenômeno global, dinâmico e instável que depende, dentre outros fatores, dos comportamentos individual e coletivo.

Conforme mudança no perfil da epidemia nos últimos anos, novos grupos têm se tornado mais vulneráveis, tais como as mulheres, os negros, os adolescentes e os jovens. As estatísticas mostram uma tendência no aumento de casos de AIDS entre os jovens, bem como uma maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DST) nessa população do que nas outras faixas etárias. Assim, o HIV/AIDS vem se apresentando como uma das principais causas de mortalidade no mundo de pessoas na faixa etária entre 10-24 anos<sup>(4)</sup>.

Os adolescentes constituem uma população vulnerável à infecção pelo HIV, seja nos países subdesenvolvidos ou nos desenvolvidos, o que pode ser percebido por diversos fatores, entre eles: biológicos, psíquicos, sociais e econômicos, os quais influenciam na vulnerabilidade dos adolescentes às DST<sup>(5)</sup>. Há maior suscetibilidade às DST entre os jovens e adolescentes com baixos níveis de instrução e socioeconômico, o que vai ao encontro do que está exposto no relatório do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) o qual indica que as pessoas que vivem na pobreza e com baixo índice de educação formal são as mais vulneráveis ao HIV no Brasil<sup>(6)</sup>.

Porém, pesquisas apontam que, mesmo com divulgação na mídia e informação, os adolescentes e jovens ainda possuem dúvidas sobre a prevenção da transmissão do HIV/DST e certa resistência ao uso do preservativo, tornando-se vulneráveis e aumentando as incidências da doença<sup>(7)</sup>. O descobrimento precoce da sexualidade, a multiplicidade de parceiros maior liberdade sexual, a não adesão ao uso de preservativo, a necessidade de afirmação grupal são outros fatores que tornam os adolescentes vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis<sup>(8)</sup>.

Assim, os adolescentes apresentam necessidades específicas que devem ser alcançadas por meio das políticas públicas de saúde do país, tais como ações de controle e prevenção do HIV/AIDS, favorecendo a participação do jovem como sujeito na prevenção e promoção da sua saúde<sup>(9)</sup>.

Vislumbrando o contexto da saúde do adolescente na sua integralidade e coletividade, a escola apresenta-se como um local propício para desenvolver ações educativas sobre a sexualidade, transmissão do HIV e outras DST, desmistificando

alguns conceitos e valores que existem em torno desses assuntos. Para tanto, faz-se necessário um envolvimento entre profissionais de saúde, educadores, familiares e comunidade.

Nos últimos tempos, os escolares estão tendo maiores curiosidades sobre sexualidade e DST/HIV/AIDS e muitas vezes, os professores não sabem lidar com o assunto. Estudos mostram que, embora a população adolescente tenha algum conhecimento elementar sobre DST/HIV/AIDS, esta ainda carece de educação efetiva para adquirir conhecimentos e habilidades que modifiquem seu comportamento frente a essas doenças<sup>(7)</sup>.

Diante desse contexto, os objetivos da pesquisa foram descrever o conhecimento de adolescentes de escola pública sobre a transmissão do HIV/AIDS; e analisar o comportamento sexual e atitudes dos mesmos frente ao uso do preservativo.

## METODOLOGIA

Trata-se de estudo descritivo e exploratório. É um recorte do projeto de pesquisa intitulado Risco de transmissão sexual do HIV: atitude, percepção e representações sociais de adolescentes. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual, pertencente à Secretaria Executiva Regional IV (SER IV), localizada em Fortaleza, Ceará, no período de agosto a outubro de 2009.

A amostra foi constituída por 234 estudantes de acordo com os seguintes critérios de inclusão: estar matriculado na escola; ter idade igual ou maior a 13 e menor ou igual a 19 anos; ter autorização dos pais ou responsáveis para participar do estudo e aceitar participar da pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de duas técnicas: 1) questionário semiestruturado com questões sociodemográficas, de vida sexual, uso do preservativo e de conhecimentos sobre a transmissão do vírus HIV e 2) uma escala de atitudes quanto ao uso do preservativo (Escala de Likert), com nove itens.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará e está de acordo com as determinações da Resolução nº 196 / 1996, substituída pela Resolução nº 466 / 2012, do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos<sup>(10)</sup>.

A análise dos dados das questões fechadas do questionário e da escala de atitude frente ao preservativo envolveu descrição estatística (frequência relativa, média e mediana e cruzamento de dados). Os dados foram processados no programa *Statistical Package for Social Sciences - SPSS 16.1*. Os dados referentes à pergunta aberta sobre os motivos do não uso do preservativo nas relações sexuais foram analisados em categorias temáticas conforme técnica de Análise de Conteúdo<sup>(11)</sup>.

## RESULTADOS

Os adolescentes participantes estavam igualmente distribuídos quanto ao sexo (117 do sexo masculino e 117 do sexo feminino), tinham média de idade de 16,5 anos, e cursavam o Ensino Médio, sendo 41,9% (n=98) pertencente ao primeiro ano.

Conforme os dados socioeconômicos, 71,1% (n=165) moravam com os pais/família, 45,7% (n=107) tinham o pai como chefe da família, ou seja, aquele que mais contribui com a

renda, e apresentavam renda familiar média de três salários mínimos (SM), considerando o salário mínimo de 465 reais. Cerca de 60% (n = 142) era praticante da religião católica.

### Comportamento Sexual

Apresentam-se na Tabela 1 os resultados referentes ao comportamento sexual dos 234 adolescentes participantes da pesquisa, onde se observa que 53,4% (n = 124) ainda não tiveram relações sexuais, porém número significativo da amostra, compreendido por 46,6% (n = 108), iniciou a vida sexual, sendo que dentro deste percentual a maioria é do sexo

masculino. A média de idade com que tiveram a primeira relação sexual foi de 14,7 anos e mediana de 15 anos.

Identifica-se que a maioria utilizou preservativo tanto na primeira quanto na última relação sexual. Dentre aqueles que já iniciaram a vida sexual, 40,7% (n = 44) não usaram preservativo na primeira relação sexual. Os resultados mostraram ainda que 83,0% (n = 88) dos que iniciaram a vida sexual tiveram relação nos últimos doze meses, sendo que o percentual daqueles que não utilizaram preservativo na última relação diminuiu para 29,5% (n = 31) quando comparado com a primeira relação sexual.

**Tabela 1** - Distribuição da amostra conforme comportamento sexual, Fortaleza-CE, 2010.

TEVE RELAÇÃO SEXUAL	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Sim	70	30,3	38	16,3	108	46,6
Não	47	20,2	77	33,2	124	53,4
Total	117	50,5	115	49,5	232	100,0
<b>IDADE À PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL</b>						
Até 15 anos	55	51,8	19	18,0	74	69,8
De 16 a 19 anos	13	12,2	19	18,0	32	30,2
Total	68	64,0	38	36,0	106	100,0
<b>USO DO PRESERVATIVO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL</b>						
Sim	37	34,3	27	25,0	64	59,3
Não	33	30,5	11	10,2	44	40,7
Total	70	64,8	38	35,2	108	100,0
<b>USO DO PRESERVATIVO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL</b>						
Sim	50	47,6	24	22,9	74	70,5
Não	19	18,1	12	11,4	31	29,5
Total	69	65,7	36	34,3	105	100,0

**Tabela 2** - Distribuição dos adolescentes que tiveram relação sexual sem preservativo na primeira e na última relação sexual segundo os motivos do não uso do preservativo. Fortaleza-CE, 2010.

MOTIVO DO NÃO USO DO PRESERVATIVO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL	n	%
Não tinha preservativo no momento	13	27,6
Não lembrou do preservativo	9	19,2
Incontinência do impulso sexual	7	14,9
Muito jovem/imaturo/sem experiência	6	12,7
Confiança no(a) parceiro(a)	3	6,5
Não sabia que ia acontecer	3	6,5
Acha que não precisa	2	4,2
Não sente prazer com camisinha	2	4,2
Não quis	2	4,2
Total	47*	100,0
*n = 47 – alguns apresentaram mais de uma resposta		
MOTIVO DO NÃO USO DO PRESERVATIVO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL	n	%
Não tinha preservativo no momento	9	27,3
Uso de anticoncepcional	5	15,2
Confiança no(a) parceiro(a)	5	15,2
Não sente prazer com camisinha	4	12,1
Muito jovem/imaturo	3	9,1
Incontinência do impulso sexual	2	6,0
Não tem risco	1	3,0
Quer ter filho	1	3,0
Outro	3	9,1
Total	33*	100,0
*n = 33 – alguns apresentaram mais de uma resposta		

A Tabela 2 aponta os motivos para não uso do preservativo, referidos por 40,7% (n=44) dos adolescentes que informaram não ter usado preservativo na primeira e 29,5% (n=31) dos que não utilizaram na última relação sexual.

Dentre os que não utilizaram o preservativo na primeira relação sexual, 27,6% (n=13) justificaram o não uso porque *não o tinha*, 19,2% (n=9) porque *não lembrou* e 14,9% (n=7) devido à *incontinência do impulso sexual*. Importante ressaltar que 12,7% (6) afirmaram não ter usado o preservativo pelo fato de que *era muito jovem/imaturo/sem experiência*.

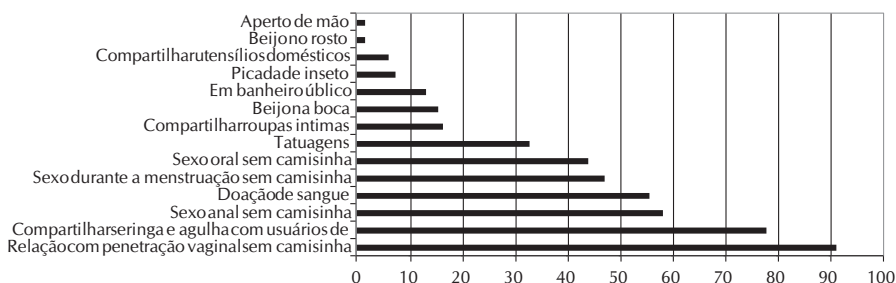
Dentre aqueles que tiveram a última relação sexual sem preservativo, 27,3% (n=9) justificaram o não uso da camisinha pelo fato de *não possuí-la durante o ato sexual*, 15,2% (n=5) pelo uso de *anticoncepcional* e 15,2% (n=5) por *confiança no (a) parceiro (a)*.

**Conhecimentos sobre a transmissão do HIV**

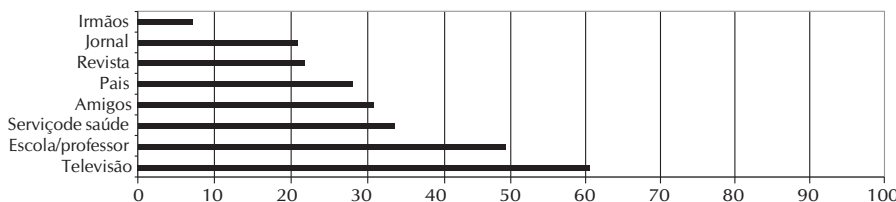
Apresenta-se no Gráfico 1 os conhecimentos dos adolescentes participantes sobre os modos de transmissão do vírus HIV. A maioria reconheceu a *relação sexual com penetração vaginal sem camisinha* e o *compartilhamento de seringas* correspondendo, respectivamente, as freqüências de 91% (n=213) e 77,7% (n=174) dos participantes. Os adolescentes também demonstraram adequadamente que o HIV não é transmitido pelo aperto de mão e beijo no rosto.

Houve algumas deficiências nos conhecimentos sobre a transmissão do HIV já que 55,4% (n=124) reconheceram a *doação de sangue* como via de contaminação. Apenas 46,9%

**Gráfico 1:** Distribuição da amostra segundo conhecimento sobre o modo de transmissão do HIV. Fortaleza-CE, 2010.



**Gráfico 2.** Distribuição da amostra segundo fonte/meios de informações para saber sobre DST/AIDS. Fortaleza-CE, 2010.



(n=105) e 43,8% (n=98) declararam que *sexo durante a menstruação sem camisinha* e *sexo oral sem camisinha*, respectivamente, são vias de transmissão.

Em relação à fonte de informações dos adolescentes sobre DST/HIV/AIDS, 60,6% (134) afirmou utilizar a televisão como principal meio para obter informações acerca dessas doenças, seguido por 49,3% (n=109) que referiram a escola com o professor, como evidenciado no Gráfico 2.

**Atitudes frente ao uso do preservativo**

Os resultados mostraram que a maioria das atitudes foi favorável ao uso do preservativo e com maior prevalência entre as mulheres, conforme a Tabela 3, abaixo. Observa-se que os homens podem apresentar atitude inconsistente ao uso do

**Tabela 3 -** Distribuição da amostra segundo atitude de usar ou não o preservativo, Fortaleza – CE, 2010.

	ATITUDES	MASCULINO		FEMININO	
		n	%	n	%
Devemos usar camisinha em toda relação sexual.	C/CT	101	90,1	113	98,2
	D/DT	11	9,9	2	1,8
O uso de camisinha é indispensável apenas com pessoas desconhecidas.	C/CT	43	39,1	10	8,8
	D/DT	67	60,9	104	91,2
O preservativo reduz o prazer sexual.	C/CT	63	57,2	40	37,8
	D/DT	47	42,8	66	62,2
As doenças sexualmente transmissíveis só atingem grupos de risco.	C/CT	22	19,8	29	25,3
	D/DT	89	80,2	86	74,7
Qualquer pessoa que não use camisinha corre o risco de contrair AIDS.	C/CT	103	92,7	106	93,8
	D/DT	8	7,3	7	6,2
Quando existe confiança entre os parceiros não é necessário usar camisinha.	C/CT	42	38,5	24	21,1
	D/DT	67	61,5	90	78,9
O uso da camisinha gera desconfiança entre os parceiros que têm uma relação afetiva.	C/CT	51	46,7	34	30,1
	D/DT	58	53,3	79	69,9
A camisinha inibe o desempenho sexual	C/CT	41	40,2	30	27,8
	D/DT	61	59,8	78	72,2
Não me considero vulnerável para contrair AIDS quando não uso preservativo	C/CT	29	26,4	10	9,7
	D/DT	81	73,6	93	90,3

\*C/CT: Concordo/Concordo totalmente; D/DT: Discordo/Discordo totalmente

preservativo mais freqüente do que as mulheres, pois 57,2% (n=63) *concordaram/concordaram totalmente que este reduz o prazer sexual*, 46,7% (n=51) que *o uso do preservativo gera desconfiança entre os parceiros*, e 40,2% (n=41) que *o preservativo inibe o desempenho sexual*.

## DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, quase metade dos adolescentes haviam iniciado a vida sexual, observando-se uma precocidade nesse processo, sendo a média da idade da primeira relação sexual inferior a encontrada na literatura<sup>(12-14)</sup>, que apontaram idades entre 15 e 19 anos para iniciação sexual. Identificou-se também que os meninos têm iniciado suas atividades sexuais mais cedo do que as meninas, fato que pode ser influenciado por questões de gênero, valores familiares e atitudes sociais<sup>(14-16)</sup>.

O preservativo foi adotado pela maioria dos sexualmente ativos, tanto na primeira quanto na última relação sexual<sup>(12,14,16)</sup>. Apesar de verificarmos aumento da utilização do preservativo, dados nacionais apontam queda em seu uso, principalmente entre os jovens<sup>(1)</sup>, portanto não podemos desprezar o fato de que 40,8% e 31,5% não usaram camisinha na primeira e última relação, respectivamente, frequências semelhantes à de outras pesquisas<sup>(15,17)</sup>.

Embora mais de 95% da população brasileira saiba que o uso do preservativo é a melhor maneira de prevenir a infecção pelo HIV, o seu uso está longe de atingir níveis satisfatórios, e mesmo que os jovens apresentem as maiores proporções de uso, a queda observada nesta faixa etária é preocupante<sup>(1,18)</sup>.

Os motivos citados para o não uso do preservativo foram diversos, variando desde crenças de que o preservativo diminui o prazer, confiança na fidelidade do parceiro, comportamentos impulsivos durante o ato sexual, maior preocupação com a anticoncepção, até o fato de não tê-lo no momento<sup>(12-13,17,19)</sup>.

A imaturidade e a falta de experiência durante a adolescência, principalmente quando o ato sexual acontece numa idade precoce, podem fortalecer esses motivos e favorecer o não uso do preservativo, contribuindo com a vulnerabilidade destes sujeitos<sup>(14,16,17)</sup>.

Os adolescentes acabam por usar menos o preservativo quando utilizam outros métodos contraceptivos, mais comumente a pílula anticoncepcional pela parceira. Uma possível explicação para este acontecimento é o fato de que a gravidez é vista como uma consequência mais imediata em relação aos outros riscos tardios<sup>(17-18)</sup>.

O aspecto da confiança no(a) parceiro(a) provavelmente está ligado ao vínculo e grau emocional que existe no relacionamento e no momento do ato sexual, o que pode interferir negativamente na negociação do preservativo entre o casal<sup>(13-15)</sup>.

Observou-se a existência de atitudes favoráveis ao uso do preservativo, principalmente entre as mulheres, evidência relevante, pois a atitude favorável ao preservativo está associada à intenção de usá-lo efetivamente<sup>(12,15)</sup>.

O elemento que compõe a vulnerabilidade mais frequentemente investigado em estudos, é o grau e a qualidade do conhecimento acerca do HIV/AIDS. O conhecimento insuficiente sobre a infecção, a ambivalência entre o conhecimento

e a adoção de práticas sexuais saudáveis são os fatores de vulnerabilidade mais presentes entre os jovens<sup>(16)</sup>.

Os adolescentes mostraram conhecimentos corretos acerca da transmissão do HIV, reconhecendo principalmente a relação sem camisinha como um risco para exposição ao HIV, porém, ainda apresentam crenças errôneas e dúvidas sobre outros modos de transmissão<sup>(7,20)</sup>.

A maioria dos adolescentes afirmou obter informações sobre prevenção de HIV/AIDS por meio da televisão e da escola<sup>(15,17)</sup>, que se mostraram como as principais fontes de informação dos adolescentes sobre AIDS. A televisão exerce um importante papel na divulgação de informações sobre modos de transmissão do HIV e de prevenção, já que esta é de fácil acesso entre a população jovem, juntamente com a escola onde acontecem palestras e trabalhos voltados para essa temática.

Apesar da ampla divulgação sobre conhecimentos acerca das DST/HIV/AIDS no nosso país, muitos jovens ainda não adotam tais práticas, o que aponta uma dissociação entre o acesso à informação desse saber em práticas no cotidiano dos adolescentes, apontando que a abordagem do sexo seguro entre adolescente continua sendo necessária<sup>(17)</sup>.

## CONCLUSÕES

Este estudo limitou-se a abordar estudantes do ensino médio de uma escola pública, sendo a amostra não probabilística intencional, portanto os resultados aplicam-se apenas à população pesquisada.

Conclui-se que os adolescentes iniciam sua vida sexual precocemente e muitos sem utilizar o preservativo, aumentando sua vulnerabilidade sexual ao HIV/AIDS. Crenças e atitudes diversas em torno do preservativo, de que o mesmo reduz o prazer ou inibe o desempenho sexual, ainda existem fortemente entre os jovens e contribuem com esta vulnerabilidade. A televisão e a escola foram as principais fontes de informação sobre a temática HIV/AIDS, refletindo a importância deste ambiente escolar para abordagem de questões que envolvem a sexualidade.

Mesmo que apresentem informações elementares sobre DST/HIV/AIDS, eles ainda carecem de uma educação efetiva e permanente que envolva o assunto a fim de adquirir conhecimentos e habilidades, os quais poderão definir mudanças no comportamento sexual dos adolescentes.

Para isso, é necessário que haja uma implementação e uma continuidade dos programas educacionais sobre sexualidade tanto nos meios de comunicação os quais são acessados mais facilmente pelos adolescentes, devendo ter uma linguagem clara, objetiva, dinâmica e lúdica sobre as DST/AIDS, quanto dentro das escolas.

O espaço escolar é visto como o melhor ambiente para se trabalhar ações de educação sexual com os adolescentes, pois é lá que estes passam tempo considerável e é para lá que levam suas dúvidas e esperam que estas sejam respondidas. É dentro do espaço escolar também que o adolescente se sente mais confortável para discutir certos assuntos já que estão no grupo de iguais com o qual tem afinidade.

Essas ações educativas que visam promoção e prevenção da saúde dos jovens podem ser realizadas em parceria com

os profissionais de saúde, de educação e a comunidade para que os adolescentes passem a ser sujeitos ativos da sua saúde, pois, a desinformação e o desconhecimento sobre a transmissão do HIV e seus métodos de prevenção são alguns dos fatores que tornam os adolescentes mais vulneráveis à infecção pelo HIV e outras DST.

Espera-se que esta pesquisa, junto a outros estudos, possa contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento dos programas de prevenção e promoção da saúde, bem como campanhas de educação sexual voltadas para os jovens dentro das escolas, com a perspectiva de promover uma melhor qualidade de vida e saúde para os adolescentes.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Boletim epidemiológico AIDS e DST 2012 [homepage na internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2013 [acesso em 11 out 2013]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2012/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2012>.
2. Brito AM, Castilho EA, Szwarcwald CL. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Rev Soc Bras Med Trop*. 2000;34(2):207-17.
3. Parker R, Camargo Júnior KR. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cad Saúde Pública*. 2000;16(Suppl1):89-102.
4. Lawe-Davies O. Road accidents, suicide and maternal conditions are leading causes of death in young people [homepage na internet]. Geneva: Organização Mundial de Saúde; 2009 [acesso em 14 set 2009]. Disponível em: [http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2009/adolescent\\_mortality\\_20090911/en/index.html](http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2009/adolescent_mortality_20090911/en/index.html)
5. Murakami JK, Petrilli Filho JF, Telles Filho PCP. Conversando sobre sexualidade, IST e AIDS com adolescentes pobres. *Rev Latinoam Enferm*. 2007;15(n.º esp.).
6. Ministério da Saúde. A vida é mais forte que a AIDS. *Saúde Bras* [periódico na internet]. 2006 Nov [acesso em 02 set 2009]. Disponível em: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/periodicos/saude\\_brasil\\_novembro\\_2006.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/periodicos/saude_brasil_novembro_2006.pdf)
7. Nader SS, Gerhardt CR, Nader PJH, Pereira DN. Juventude e AIDS: conhecimento entre os adolescentes de uma escola pública em Canoas, RS. *Rev AMRIGS*. 2009;53(4):374-81.
8. Barreto ACM, Santos RS. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009;13(4):809-16.
9. Calazans G, Kiss L, Cappellini S, Sequeira D, Vieira RM, França Júnior I. Plantões Jovens: acolhimento e cuidado por meio da educação entre pares para adolescentes e jovens nos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA. *Saúde Soc*. 2006;15(1):22-36.
10. Ministério da Saúde (Brasil). Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União* 16 out 1996;Seção 1.
11. Deslandes SF, Gomes R, Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 30ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011.
12. Bezerra EO, Chaves ACP, Pereira MLD, Melo FRG. Análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/AIDS. *Rev Rene*. 2012;13(5):1121-31.
13. Doreto DT, Vieira EM. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2007;23(10):2511-16.
14. Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Rev Saúde Pública*. 2008;42(Suppl.1):45-53.
15. Camargo BV, Botelho LJ. AIDS, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Rev Saúde Pública*. 2007;41(1):61-8.
16. Tavares CM, Schor N, França Júnior I, Diniz SG. Factors associated with sexual initiation and condom use among adolescents on Santiago Island, Cape Verde, West Africa. *Cad Saúde Pública*. 2009;25(9):1969-80.
17. Oliveira DC, Pontes APM, Gomes AMT, Ribeiro MCM. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009;13(4):833-41.
18. Vieira MAS, Guimarães EMB, Barbosa MA, Turchi MD, Alves MFC, Seixas MSC, et al. Fatores associados ao uso do preservativo em adolescentes do gênero feminino no município de Goiânia. *DST J Bras Doenças Sex Transm*. 2004;16(3):77-83.
19. Torres CA, Beserra EP, Barroso MGT. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2007; 11(2):296-302.
20. Coelho RFS, Souto TG, Soares LR, Lacerda LCM, Matão MEL. Conhecimentos e crenças sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS entre adolescentes e jovens de escolas públicas estaduais da região oeste de Goiânia. *Rev Patol Trop*. 2011;40(1):56-66.